

**AS NARRATIVAS DAS EXPERIÊNCIAS DO ENSINO DE INGLÊS POR
PROFESSORES DE PARINTINS**

Patrícia Christina dos Reis¹

RESUMO

O presente artigo foi baseado em um projeto de extensão em Educação Continuada, apoiado pela PROEX e realizado com os professores de Língua Inglesa de Parintins. Nosso objetivo foi reunir professores para auxiliá-los no desenvolvimento de suas competências metodológicas e habilidades linguísticas, visando, conseqüentemente, o avanço do ensino de inglês nas escolas públicas de Parintins. A metodologia foi baseada em uma pesquisa qualitativa sobre os professores, envolvendo entrevistas com estes. Atuando como intermediadores de diálogos com os professores da educação básica, contamos com a ajuda dos nossos alunos universitários, que diariamente realizam atividades em diversas escolas públicas. Como resultado, apresentamos neste artigo as opiniões de professores que falam sobre o ensino de inglês, incluindo técnicas de ensino, aprendizado informal e planos futuros de aperfeiçoamento profissional. Tais opiniões se relacionam a questões recorrentes no campo de estudos de língua estrangeira, abordadas em textos como os de Almeida Filho (2000), Gardner e Lambert (1972), Leffa (2008) e Schumann (1978). Nosso projeto se relaciona também a estudos como os de Barcelos (2004), Paiva (2006) e Xavier (2014), que tratam da formação de professores e suas histórias de vida.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Ensino; Formação de Professores.

**THE NARRATIVES OF THE EXPERIENCES OF ENGLISH TEACHING BY
TEACHERS OF PARINTINS**

ABSTRACT

The current article was based on an extension project in Continuing Education, supported by PROEX, and conducted with English teachers from Parintins. Our objective was to bring teachers together to assist them in the development of their methodological competence and language abilities, consequently, aiming at the advance of English teaching in Parintins public schools. The methodology was based in a qualitative research about the teachers, involving interviews with them. Acting as intermediary of dialogues with school teachers, we have counted with the help of our University students who are daily conducting activities in several public schools. As a result, we present in this article the opinions given by school teachers who talk about English teaching, including teaching techniques, informal learning and future plans for professional improvement. Such opinions are related to recurrent issues in the field of foreign language studies, approached in texts such as the ones by Almeida Filho (2000), Gardner and Lambert (1972), Leffa (2008) and Schumann (1978). Our project is also related to studies such as the ones by Barcelos (2004), Paiva (2006) and Xavier (2014), who deal with teacher training and their life stories.

Keywords: English language; Teaching; Teacher Training.

¹ Trabalhou como Leitora Brasileira na Universidade das Índias Ocidentais, Jamaica (2008-2012) e atualmente é professora da Universidade do Estado do Amazonas, campus de Parintins.

INTRODUÇÃO

Com a intenção de estreitar os laços entre a Universidade do Estado do Amazonas e os professores de inglês das escolas de Parintins, realizamos, com o apoio da PROEX, um projeto de extensão em Educação Continuada, que teve como objetivo dar assistência aos professores de inglês do ensino básico em suas necessidades de aperfeiçoamento linguístico e pedagógico.

Durante esse período, conhecemos um pouco da história de vida desses professores, das experiências passadas e dos desafios enfrentados. Aprendemos também sobre a história do ensino de inglês em Parintins, através de conversas com professores que, de forma espontânea e consentida, aceitaram ser entrevistados.

Nosso interesse pelo estudo de narrativas de professores encontra justificativas nos trabalhos de Goodson (2010) e Huberman (2007), que valorizam as histórias de vida de professores e seus impactos no processo de ensino. No Brasil, temos como referência, o trabalho de Xavier (2014), que considera a relação entre o professor e as diversas dimensões da educação escolar:

Considerando o caráter pessoal do ato de ensinar, vem se desenvolvendo entre os estudiosos do assunto a perspectiva de cruzar histórias de vida dos professores com o desenvolvimento profissional da categoria docente. A atenção para as histórias de vida dos professores tem se colocado como um importante dado para ampliarmos o conhecimento a respeito da educação escolar em suas mais diversas dimensões. (XAVIER, 2014, p. 831)

Outros estudos relevantes nessa área e que nos inspiraram na realização do nosso projeto são de Barcelos (2004) e Paiva (2006) realizadoras de projetos em instituições de ensino superior brasileiras. Outros estudiosos que merecem ser mencionados por sua relevância nos estudos de formação de professores de língua estrangeira são Almeida Filho (2000) e Leffa (2008), que, junto a outros pesquisadores, refletem sobre a atuação do professor na escola brasileira e buscam soluções para os seus problemas. Nosso projeto de extensão buscou, dentro de suas limitações, contribuir para essa linha de estudos e, nas próximas linhas, relatamos como o desenvolvemos.

METODOLOGIA

Para conhecermos a história e formação dos professores de Parintins, realizamos, durante um ano, uma pesquisa qualitativa com os professores da rede pública de ensino, tanto municipal quanto estadual. O curso de extensão em Educação Continuada que realizamos foi aberto a todos eles, sem exceção, embora nem todos tenham se prontificado a participar.

Nossa metodologia de ação teve como base o ensino reflexivo, que leva o professor a refletir sobre sua atuação e sobre a realidade de ensino em que se encontra.

Colaboraram na coleta de dados para esse artigo, uma bolsista do projeto e acadêmicos do curso de Letras do CESP. Aqui apresentamos uma parte dos dados coletados. São comentários retirados de entrevistas com esses professores, importantes para sabermos o que pensam e o como atuam. O critério de seleção dos professores que aparecem nesse artigo foi baseado nas entrevistas concedidas. Escolhemos aqueles cujas falas melhor ilustram aspectos que julgamos relevantes para o estudo proposto:

1. Os esforços do professor de inglês, desde os primeiros anos do ensino do idioma na cidade;
2. A motivação e sua relação com o ensino da língua inglesa;
3. O despertar para o idioma e pela possibilidade de ensinar;
4. A aculturação/convivência com estrangeiros;
5. A relação entre o turismo e a aquisição de uma língua estrangeira;
6. Os planos futuros/aspirações dos docentes.

Análise e discussão dos resultados

Dividimos a apresentação dos resultados de nosso trabalho em duas partes. A primeira apresenta trechos das entrevistas com os professores, acompanhados por comentários nossos, e a segunda apresenta as ações que enfatizamos em nosso curso de extensão.

As narrativas dos professores

Práticas pedagógicas que refletem grandes esforços dos professores de Parintins para levar aos alunos uma aula de inglês de qualidade iniciaram há algumas décadas, como observamos no relato do professor Zezinho Ferreira, pioneiro no ensino de inglês na cidade. Hoje, com mais de 70 anos, ele nos conta que trabalhou no Ginásio Estadual, hoje, Escola Estadual Senador Álvaro Maia, no Colégio Nossa Senhora do Carmo, na Escola Estadual Brandão de Amorim e na Escola São José Operário. Eis um pouco de sua experiência:

Carregava na minha bicicleta “Caloi” um toca-discos, com vários discos de vinil, material didático do livro que adotávamos, naquele momento. A cada grupo de três alunos, distribuíamos um livro. Colocava, em seguida, para rodar o disco de acordo com a lição do dia, para ouvirem muitas vezes, fixando, assim, o exercício auditivo. Após essa atividade, fazíamos a leitura em voz alta, e terminando com *Questions and answers* sobre o texto em estudo. Como outras atividades, fazíamos ditados, para identificar a audição com a grafia das palavras; muitos exercícios escritos para checar os conteúdos gramaticais e palavras novas, aprendidas pelas turmas. Quanto à avaliação, era feita oralmente, tendo como recurso os murais que acompanhavam o livro didático, e fazíamos, também, testes escritos. Mesmo com poucos recursos

didáticos, esforçava-me bastante, para que houvesse uma boa aprendizagem e uma grande satisfação por parte dos alunos (ENTREVISTADO 1)

O relato do professor Zezinho Ferreira nos mostra as várias estratégias que ele utilizava no desenvolvimento de suas aulas. Ele termina enfatizando que todo trabalho visava ‘a grande satisfação por parte dos alunos’. Exercer a prática de ensino, satisfazendo o aprendiz é uma prática que está diretamente ligada à questão da motivação. Para se chegar à satisfação é preciso ter motivação, por parte do aluno e do professor.

Gardner e Lambert (1972), pioneiros no estudo da relação entre motivação e aprendizagem de línguas, afirmam que a motivação ocorre quando o aprendiz se identifica com as comunidades que falam a língua ensinada. É o desejo de interação com outros grupos que motiva o aluno. Os autores completam dizendo que o sucesso na aprendizagem de uma língua estrangeira depende não só da capacidade intelectual e da aptidão linguística do aprendiz, mas de suas percepções do outro grupo etnolinguístico envolvido e de seus esforços para adotar comportamentos linguísticos e não linguísticos semelhantes ao do outro grupo (GARDNER AND LAMBERT, 1972).

Em geral, os professores concordam que a aproximação do aprendiz à cultura estrangeira é uma forma eficaz de se promover a motivação e de tornar o ensino mais autêntico. Assim, estes tendem a utilizar recursos para dar ao aluno a oportunidade de se identificar com outro grupo, seja este da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Jamaica ou de qualquer outro país onde o inglês é a língua oficial.

Alguns aprendizes de língua estrangeira trazem consigo o que chamamos de ‘motivação intrínseca,’ resultante de seus desejos, aspirações e necessidades. Outros aprendizes precisam ser externamente motivados, precisam de um professor que os impulse, que deixe claro o real propósito e as vantagens de se aprender um novo idioma. Para a professora Helen, é sempre preciso motivar os alunos, falando das exigências do mercado de trabalho, da competição na hora das entrevistas e sempre incentivá-los a ‘estudar e seguir em frente, com pensamento positivo’ (ENTREVISTADA 2).

A motivação para se aprender uma nova língua está em grande parte associada ao interesse do aprendiz pelas pessoas que falam a língua, seus costumes e tradições. Elementos culturais estimulam o gosto pelo idioma e tornam o processo de aprendizagem mais prazeroso. Alguns professores de Parintins contam como inicialmente se identificaram com a língua estrangeira e seus falantes nativos. Conta o professor Fernando sobre como surgiu sua vontade de estudar inglês:

Ela surgiu assim no caso na 7ª série, eu estudava no colégio Batista, não tinha professor de Língua Inglesa, aí chegou um americano que foi ministrar aula para gente, entendeu? E assim eu achei assim a facilidade dele de falar o idioma interessante e aí a gente se envolveu com isso. Durante um ano com a gente na escola, nós ficamos assim muito entusiasmados com a metodologia dele e aí começamos eu e um grupo de colegas (ENTREVISTADO 3).

A professora Ruth também relata sua experiência com estrangeiros:

Bom, desde criança eu sentia vontade de aprender outra língua, mesmo sem condições, até mesmo de entrar numa escola. Eu tentava ler livros, escrever até, e foi num tempo que um grupo de ingleses veio para o Brasil e a minha mãe trabalhou com eles. Nós nos comunicávamos muito através de gestos, e daí eu senti uma grande necessidade de realmente aprender a língua inglesa (ENTREVISTADA 4).

Para Schumann (1978), a aprendizagem de segunda língua em contexto natural, em contato com o falante nativo pode ser entendida como “aculturação”. Nesses casos não há instrução formal, o aprendiz aprende a língua em contato direto com determinado grupo ou indivíduo. Tal processo pode ser identificado na cidade de Parintins, por ser esta uma cidade turística, que sempre recebe a visita de estrangeiros. Alguns dos ambientes informais de aprendizagem são as bancas de artesanato, os hotéis, os pontos turísticos e os restaurantes. A relação de contato estabelecida entre falantes nativos da língua inglesa e a população parintinense favorece esta troca linguística.

Dois professores de Parintins comentaram sobre a relação entre o turismo e a língua inglesa. O professor Marcus conta como se estabeleceu sua relação com o idioma:

Minha experiência com o Inglês foi mais por uma questão de sobrevivência. Como assim? Eu tenho trabalhado muito tempo no setor turístico, no exterior. (...) O que aconteceu, quando eu fui trabalhar no setor turístico pra ganhar mais, eu tive que, além de trabalhar com brasileiros e espanhóis, eu tive a oportunidade de trabalhar com ingleses e isso foi um incentivo pra mim cada vez mais aprender, me capacitar, ler e romper certas barreiras. Então o inglês pra mim foi mais por uma questão de trabalho e que virou depois uma paixão (ENTREVISTADO 5).

O professor João Francisco, também apaixonado pela língua inglesa, é atuante na rede escolar e desenvolveu seu trabalho de especialização voltado para o turismo, enfatizando o uso da língua inglesa entre os membros de uma associação de figurinistas e artesãos de Parintins. Após o curso de Especialização, ele pretende dar continuidade a seus estudos. Ele comenta:

A partir daí eu quero lançar o meu desafio para o mestrado ou em Língua Inglesa, especificamente falando, ou na área de turismo (ENTREVISTADO 6).

O desejo de aperfeiçoamento dos professores de Parintins se manifesta de três formas: uns gostariam de fazer um cursinho livre de inglês, outros gostariam de partir para uma pós-graduação e outros gostariam de tentar um intercâmbio. A professora Gisele comenta:

Meu objetivo ainda é fazer o intercâmbio, vamos ver se eu consigo. Se eu conseguir o intercâmbio eu sei que meu potencial vai melhorar mais ainda, eu vou ter melhores condições de trabalho. Pra mim ainda falta muita coisa apesar de eu estar estudando, pesquisando. Falta muita coisa? Falta. Falta eu falar, falta eu ter mais contato (ENTREVISTADA 7).

A professora Euciana comenta sobre a importância de se aprender inglês de um modo geral, para várias finalidades:

Para as pessoas que estão estudando, iniciando é muito válido, independente do motivo vale continuar, insistir, porque é uma forma de você ampliar seu horizonte. Você pode ler no outro idioma, assistir, se informar. Eu penso que não tem nenhuma questão adversa, investir no estudo é muito válido, por questões acadêmicas, ou pessoais ou profissionais, até mesmo para viagens é válido sim (ENTREVISTADA 8).

A realização de um intercâmbio, uma pós-graduação ou cursos que contribuam para o enriquecimento linguístico e cultural tem sido projetos considerados primordiais para esses professores. A segurança e o domínio oral e escrito da língua são requisitos fundamentais para o bom desempenho do professor de inglês. Mais do que em qualquer outra disciplina, espera-se que o ensino de uma língua estrangeira seja natural, espontâneo e agradável. E que o professor não somente domine o idioma, mas também saiba transmiti-lo. Sobre a necessária formação linguística e pedagógica do professor de inglês, afirma Leffa (2001):

A formação de um professor de línguas estrangeiras envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica necessária para fazer a aprendizagem da língua acontecer na sala de aula. A formação de um profissional competente nessas duas áreas de conhecimento, língua e metodologia, na medida em que envolve a definição do perfil desejado pela sociedade, é mais uma questão política do que acadêmica. (LEFFA, 2001, 354)

Indiscutivelmente, para que a carreira do professor seja bem sucedida, ele deve contar com políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento de múltiplas habilidades e o auxiliem em seu desempenho. Na conversa com a professora Ariadna sobre o perfil ideal do professor de inglês, ela o definiu como “dinâmico, criativo, bem humorado, disposto a enfrentar dificuldades, mas buscando sempre recursos didáticos necessários para um bom desempenho dos alunos”. E uma aula ideal é aquela em que “o professor trabalha o concreto, o lúdico, onde os alunos podem visualizar a imagem, a escrita, e assim trabalhar melhor a oralidade”, explica a professora. Ela ainda acrescenta que os recursos didáticos que utiliza em

suas aulas são “as fichas de dados, cartazes, os *flash cards*, os bingos, recortes e colagens, vídeos, dentre outros” (ENTREVISTADA 9).

Pensando na formação ideal do professor, frente a tantas expectativas quanto ao seu papel, é que propomos encontros com os professores, na tentativa de amenizar os seus esforços e criar uma pequena comunidade docente, dedicada aos estudos em inglês.

Nossas ações

Das ações propostas no início do projeto, destacamos três:

O trabalho com o livro didático

Não há quem duvide que o tempo do professor torna-se pouco para a preparação das aulas, que muitas vezes inclui a criação de material didático, e para o seu próprio aperfeiçoamento profissional. O livro didático pode surgir nesse contexto como uma ferramenta útil para direcionar o professor. Porém, se apresentar textos muito complexos, pode exigir do professor um tempo maior na preparação de suas aulas. O que ouvimos de alguns professores é que pela complexidade das leituras propostas nos livros didáticos escolares, muitas vezes estes não são utilizados. Em nosso curso abrimos espaço para discussão e estudo do livro didático e outros materiais de ensino.

A leitura em Língua Inglesa

Trabalhar a questão da leitura com os professores foi nossa preocupação durante o projeto de extensão, apresentando técnicas, exemplos de inferência, de forma que, ao propor uma atividade de leitura, o professor tenha estratégias variadas e evite cobrar de seus alunos apenas meras traduções. Além de leituras, propomos atividades baseadas no TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*) e exploramos a leitura de alguns tópicos para conversação.

A comunicação

A tentativa de promover a comunicação no idioma foi também estendida aos alunos dos professores participantes do projeto. Visitamos suas salas de aula e criamos situações comunicativas com seus alunos. Muitos alunos inicialmente se mostraram tímidos, o que nos fez refletir sobre a familiaridade que esses provavelmente não têm com a abordagem comunicativa. De fato, atividades que envolvam a conversação podem não ser frequentes num contexto de turmas cheias, tão comum na escola pública brasileira. Embora os Parâmetros

Curriculares Nacionais proponham o ensino de inglês dentro de uma abordagem comunicativa, ainda encontramos dificuldade para executá-lo. O ideal, segundo tal abordagem, seria habilitar o aluno de inglês para atuar em situações diversas no contexto da língua e cultura inglesas, seja através da comunicação oral ou escrita. No entanto, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Inglesa (1998) apontam os desafios que enfrentam os professores:

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. (BRASIL: 1998, p. 21)

Percebemos o quanto é dificultosa a profissão docente frente a tais condições. Mesmo assim, professores são encorajados a buscar formas criativas de trabalhar a língua inglesa em sala de aula. Embora muitos ainda estejam presos aos métodos tradicionais de ensino, há aqueles que seguem modelos como os propostos por Paulo Freire, que questiona o motivo de não estabelecermos “uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social que eles têm como indivíduos” (FREIRE: 1996, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, a conscientização sobre a importância da língua inglesa faz parte do trabalho diário dos professores e os alunos já sentem o resultado do “não domínio” do idioma. Quando chegam à universidade e se mostram interessados em programas de mobilidade acadêmica, necessitam comprovar proficiência na língua do país escolhido. Muitos dos alunos não conseguem admissão a universidades de países de língua inglesa por falta de conhecimento da língua e, assim, optam por universidades em países de língua espanhola ou portuguesa.

Nesse contexto, a escola passa a ser vista como um local onde o ensino de inglês não atende as necessidades futuras dos alunos. Por isso, um ajuste necessita ser feito para que as aulas de inglês, antes vistas como menos importantes que as demais disciplinas, tenham um impacto maior na formação dos alunos. Por anos, existiu na escola uma tendência de desvalorização das aulas de inglês, cenário que vem se modificando com as atuais exigências do mercado. Mesmo assim, ainda acredita-se que inglês só se aprende em cursos livres e que, na escola, as aulas não são eficazes. Concluímos então que muito precisa ser feito para modificar essa realidade e dar às aulas de inglês do sistema escolar maior credibilidade.

Vivemos um momento em que tanto a escola quanto o professor precisam reestabelecer o real objetivo educacional de suas aulas. Para Libâneo (1994), os objetivos educacionais expressam propósitos definidos quanto ao desenvolvimento das qualidades humanas, porém cabe ao professor ter um posicionamento ativo ao definir seus objetivos educacionais. Seja no planejamento escolar ou no desenvolvimento de suas aulas, ele precisa saber avaliar a pertinência dos objetivos e conteúdos propostos pelo sistema escolar, verificando se são os melhores para sua realidade (LIBÂNEO, 1994). Os objetivos educacionais nacionais não foram formulados considerando todos os segmentos da sociedade. Alguns grupos precisam de um novo olhar e por isso é preciso que a escola e o professor saibam repensar os objetivos e ajustá-los ao seu mundo, para que a escola não seja um mero veículo de ideias e concepções que não condizem com a realidade de seus alunos.

O planejamento escolar também tem um peso grande na delimitação dos objetivos. Para Libâneo (1994), o planejamento escolar é importante porque é o momento em que a ação docente articula a atividade escolar com a problemática do contexto social. É nesse momento que será definido o que é importante tratar em sala de aula. É uma atividade que orienta a tomada de decisões da escola e dos professores em relação às situações de ensino e aprendizagem, tendo em vista o alcance de resultados positivos. Para o autor, os principais requisitos para o planejamento são os objetivos, as exigências dos planos e programas oficiais, as condições prévias para a aprendizagem e os princípios e condições de transmissão de conhecimento (LIBÂNEO, 1994).

Em nosso projeto de extensão, observamos que definir os objetivos não é um obstáculo para nossos professores a dificuldade se encontra em atender as exigências externas que muitas vezes desafiam o seu próprio conhecimento e formação. Outros obstáculos são impostos pelas condições prévias para a aprendizagem da nova língua, uma vez que muitos alunos apresentam pouco conhecimento linguístico, resultado de práticas pedagógicas muitas vezes repetitivas que não oferecem aos aprendizes muitas oportunidades para progredir. A repetição de conteúdos pode ser uma prática não muito motivadora, já que os aprendizes esperam avançar seus conhecimentos e perdem o interesse quando a aula de inglês não vai além do exposto no ano letivo anterior.

Nossa pesquisa nos levou a entender que, muitas vezes, o que leva o professor à repetição de conteúdos é a impossibilidade de estudar novos tópicos, uma vez que o tempo disponível é curto demais. Professores sem muita experiência no magistério encontram maiores dificuldades ainda, pois a cada novo tópico, aparecem novos desafios. A curta

experiência do professor recém-formado pode ainda ser agravada pelo nervosismo e insegurança quanto à pronúncia de palavras, ao significado das expressões e às regras gramaticais. Estudos como o de Silva (2006) demonstram que a ansiedade e a insegurança, demonstradas por estudantes de Letras, ainda os acompanham mesmo depois de ingressarem na carreira docente.

Foi pensando nas dificuldades enfrentadas por professores que iniciam a carreira, assim como a de professores que, mesmo mais experientes, ainda se sentem inseguros, é que tivemos a satisfação de realizar nosso projeto de extensão em Educação Continuada no Centro de Estudos Superiores de Parintins. Realizamos encontros na universidade e também na escola pública, fazendo uma extensão do lugar onde construímos conhecimento. O projeto foi importante para mostrar aos seus participantes que eles não estão sós e que podem encontrar na universidade caminhos para seu crescimento e apoio na execução de suas práticas docentes. Não conseguimos alcançar todos os professores da rede de ensino, mas aqueles com quem trocamos experiências certamente nos impactaram e enriqueceram nossas investigações acadêmicas. Esperamos que os professores também tenham levado algo para suas escolas, para suas práticas pedagógicas e tenham crescido ainda mais como aprendizes e como profissionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Crises, transições e mudança no currículo de formação de professores de línguas. In: M. B.M Fortkamp & L. M. B. Tomitch (orgs). **Aspectos da Linguística Aplicada**: Estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Editora Insular, 2000. p. 33-47.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística e ensino de línguas. In: **Linguagem & Ensino**. Pelotas. Vol. 7, n. 1, p. 123-154, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, R.C.; LAMBERT, W.E. **Attitudes and motivation in Second language learning**. Rowley, MA: Newbury House, 1972.

GOODSON, I. F. A representação dos docentes: trazer de volta os professores. In: _____. **Conhecimentos e vida profissional**: estudos sobre educação e mudança. Porto: Porto Editora, 2010. p. 63-78.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). **Vida de professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 31-61.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras**: construindo a profissão. 2 ed. Pelotas, 2008, v. 1, p. 353-376.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

PAIVA, Vera L. M. O. Memórias de aprendizagem de professores de língua inglesa. In: **Contexturas**, n. 9, p.63-78, 2006

ROSA, M.V.F.P.C; ARNOLDI, M.A.G.C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, Ademar. Professores de Língua Inglesa: conflitos e re/estruturações no processo de formação profissional. In: **Estudos Linguísticos**, XXXV. p. 191-200. 2006.

SCHUMANN, J. H. The Acculturation Model for Second-Language Acquisition. In: GINGRAS, R.C. (org.) **Second Language Acquisition & Foreign Language Teaching**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1978, p. 27-50.

XAVIER, L. N. A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 59, p. 827-849, out-dez. 2014.

Agradecimentos: Agradecemos imensamente aos professores Ariadna, Euciana, Fernando, Gisele, Helen, João Francisco, Marcus, Ruth e Zezinho Ferreira pelas entrevistas concedidas. Agradecimentos também aos alunos do curso de Letras do CESP, que conduziram as entrevistas: Alesson, Andreza, Antônio, Eleny, Franciane, Geise (bolsista), Isaías, Jaciara, Janderlei, Josete, Lucinelza, Maria de Nazaré, Mariana, Miguel, Natanael, Patricia, Rogério e Ruth.